

Pedra de segredo

Eliane de Andrade*

*O que é que, quando se fala,
se quebra para sempre?*

Quando penso em segredo, penso em cumplicidade, seria um erro? Segredo é aquilo que só um sabe! Mas não existe o “só Um”. Para que alguém tenha um segredo é preciso ao menos o Dois! Para o qual se conta o segredo. O Outro que instituiu a linguagem. A organização social que ditou normas a serem secretamente infringidas. A noite que fecha os olhos da maioria no sono, que clareia a cidade para a minoria de olhos abertos.

Até que ponto, quando os seus olhos estão fechados e você sabe que velo seu sono, você não me percebe? O quanto de você deseja que eu esteja atenta, quando se deita no divã? O quanto de você espera que eu feche meus olhos por estar atrás de você, na posição de analista?

Segredos... Os segredos pedem calma. Silêncio. Pedem que compactuemos com o sintoma de forma a permitir nossa convivência, ainda que improvável!

Piera Aulagnier (1990), em seu magistral livro *O direito ao segredo: condição para poder pensar*, nos conta como a possibilidade de escolher não dizer algo se relaciona com a própria existência do Eu.

Imbuída dessas reflexões, me veio em mãos um filme afegão (!) – *A pedra de paciência*, de 2012.

O filme começa mostrando uma jovem mulher umedecendo a frente de um homem mais velho, que está deitado. Eles estão em uma casa desguarnecida de móveis, o homem sobre um colchão no chão, algumas cortinas nas janelas claras, algumas almofadas. Pensamos imediatamente em um corpo que está sendo limpo para ser enterrado. Essa jovem mulher conversa com ele. Pode ser uma conversa de uma filha com um avô, com um pai, com um amigo. Mas a mulher parece esperar que ele responda. O espectador tem alguns minutos de dúvida da sanidade da mulher, esperando que um morto lhe responda. Ela é enérgica e se queixa como a um marido. O homem continua parecendo morto, tem os olhos vidrados, entretanto a história nos conta que é

*Analista didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG). Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

o 16º dia de algo, o dia no qual ele deveria estar falando com a esposa, segundo o Mulá. A esposa roda um colar de contas entre os dedos, assemelhado a um terço, que nos indica que reza.

Corte para a cidade afegã. Se fosse no Brasil seria uma comunidade da periferia, as imagens nos mostram um monte com casas pobres e áridas. A mulher sai com as duas filhas para comprar soro para o suposto marido. Seu andar de jovem é adornado pela maneira abrupta como empunha a burca, dourada, apontando um conflito cultural e religioso.

Explode uma bomba na rua! A mulher chega à farmácia e o farmacêutico não lhe vende nada, porque ela está em débito.

Corte para o homem que jaz sobre um colchão, como morto. Sua cor é cadavérica, assim como sua imobilidade. A mulher está nervosa e lhe informa que fez o soro doméstico. Faz queixas ao homem. Não se poupa em críticas. A mulher sai para atender à criança, porém retorna às lamúrias com o marido (agora já o identificamos, apesar de as feições de um homem muito mais velho).

Os episódios vão se sucedendo e ficamos sabendo que o homem é um soldado e está em coma devido a uma discussão com colegas, durante a qual sua mãe foi severamente ofendida. De repente, a mulher ajeita uma bolsa de soro que está presa à parede. Dela sai uma mangueira fina, que é depositada na boca do homem, sem nenhum outro instrumento hospitalar.

Explosões e avisos de bomba fazem-na correr para o abrigo antiaéreo, deixando, para a nossa perplexidade, o homem lá, no colchão, com o Corão ao lado dele.

No abrigo vemos outras pessoas e as duas filhas da mulher.

Ao final do bombardeio, a mulher volta à presença do homem e a história vai se desenvolvendo, até levá-la a uma tia prostituta que pode acolhê-la e as filhas, em uma casa mais adequadamente montada. A mulher transita ora com as filhas, ora sem elas, contudo a única cena da família toda reunida é numa brincadeira das crianças com o pai em coma, tirando-lhe moscas da boca, montando nele e a mãe aparecendo e tirando-as dali para que não machuquem o pai.

Ficamos aliviados pelas filhas, quando são encaminhadas à casa da tia, mas aflitos pelo homem: deixaria a mulher seu marido numa ruína de casa, preso a um saco de soro, sozinho, em uma condição inóspita, entregue à própria sorte?

Nem mal acabamos de pensar isso e já nos angustiamos pelas idas constantes, e no mínimo suspeitas, da mulher até o homem, deixando as crianças com tal tia.

A cada vez que a mulher vai ter com seu marido, conta-lhe algo da vida deles. Ela chega e começa a falar, como se fosse um diálogo

comum entre marido e mulher no Ocidente. A mulher associa livremente e vai falando. Conteúdos sexuais são apresentados.

Primeiramente, ela informa que os irmãos do marido sempre a desejaram; que a espiavam quando ia tomar banho. Depois, que é um casamento de uma jovem com um soldado, feito sem a presença deste. Somos informados de que o casamento se deu à distância, numa virtualidade muçulmana: a mulher se casa com a adaga do homem, que o representa! Apenas um quadro com seu retrato estava presente ao casamento – o que, no entanto, para a cultura local, não exige nenhuma inconveniência. A noiva se arruma, dança e reverencia o noivo, como se este estivesse presente.

Ao estar com o marido, a mulher, diante do comatoso, começa a contar sua vida passada. Como era seu pai, a estranha relação deste com codornas, como perdeu uma filha em uma aposta e como ela se defendeu desse destino, dando a codorna a um gato. Então se dá conta de que o marido nunca lhe perguntou sobre uma cicatriz no rosto dela, que fora causada por esse gato. Dá-se conta, também, de que está narrando coisas muito íntimas ao marido em coma. Pergunta-se por que o faz. Decide que é o marido quem quer que ela fale, que conte essas coisas. Entende que ele a está ouvindo. Percebe que lhe está contando tudo de sua vida e, ambivalente, retira o soro e sai correndo!

Encontrando-se na casa da tia, esta lhe conta que seu pai narrou uma história de uma pedra mágica que, se encontrada e colocada no meio do caminho, a ela deveria ser contada toda dor e sofrimento. Se isso fosse feito, após a narrativa, a pedra se partiria em inúmeros pedaços e a dor acabaria. Era a Pedra de Paciência.

A mulher retorna ao marido e revela que entendera que ele está vivendo há três semanas com uma bala no pescoço para poder ouvir os segredos dela. Todo sofrimento guardado em dez anos de casamento. Descobre que pode fazer duas coisas que nunca havia feito: beijá-lo e falar sobre todas as coisas.

O Mulá aparece e informa que haverá mais bombardeios. Ela protege o marido, cercando-o com almofadas e sai, mas retorna, informando que há guerrilheiros por toda parte, e que se entrarem na casa irão matá-lo. Angustiada, procura um lugar para escondê-lo e acaba encontrando um vão na parede com uma cortina, onde o aloca.

(Pensamos na capacidade de o paciente proteger o analista dos ataques externos e do segredo de onde aloja o analista dentro dele, mesmo sendo um lugar muito fácil de ser descoberto.)

Dois guerrilheiros entram na casa da mulher, após ela ter escondido o marido. O mais velho dos dois começa a sondar o que

ela está fazendo ali, sozinha, se tem marido, se tem filhos. Sua fala começa a ficar insinuante e percebemos que intenções sexuais se aproximam dele. Sabendo que poderia ser estuprada, a mulher agarra uma faca e a esconde, segurando-a fortemente. Informa ao homem que vende seu corpo para dar prazer aos homens, ele não compreende e ela tem de repetir a informação. A mulher está, nesse momento, bem ao lado do marido escondido. O guerrilheiro a olha com nojo, amaldiçoando-a, cospe e sai. Assim, ela se salva de ser morta e estuprada. Ela vai até o marido escondido no armário e pede-lhe desculpas.

Nesse momento, aparece um soldado mais jovem, gago, inexperienced sexualmente, que quer pagar pelos serviços sexuais dela. A mulher se assusta, acredita que será estuprada, porém o jovem se joga sobre ela e goza, possivelmente sem penetrá-la. Ela se assusta com isso, no entanto se acalma. A partir daí, ela passa a contar ao marido suas fantasias e proezas sexuais. Ri do jovem, mas mostra que sente ternura por ele. Responsabiliza o marido: “quem não sabe fazer amor, faz guerra”.

O jovem soldado torna-se *habitué* dos serviços da moça e ela passa a narrar ao marido cada detalhe das relações sexuais com o rapaz. Suas descobertas, alegrias, risos. Diz para o marido que o rapaz não se zanga de aprender com ela e que ele, o marido, a mataria se ela falasse essas coisas para ele (mas está falando!) e que ele só pensava em sua alma e honra. Revela que, para ele, ela era somente um pedaço de carne, mas para o menino, uma pessoa inteira. Discorre sobre a vida sexual do casal, de como o marido não a via.

Subitamente, se pergunta: “onde está o meu *tasbih*?”. Percebe que nenhuma mulher falaria nada daquilo. Pensa que só pode estar possuída. Corre em busca do Corão, da pena de pavão que guarda todos os seus segredos, e se desculpa com o marido por contar tudo aquilo.

No dia seguinte, ao chegar em casa, percebe que alguém consertou o portão de entrada. Vai até o marido no esconderijo e lhe conta um sonho. Tinha tido um menino com o rosto todo enrugado. (Pensamos no conserto do portão como um movimento de asseguramento psicanalítico, que lhe permitiu sair da narrativa e passar à fantasia.)

O jovem soldado, apaixonado, deixa presentes para a moça. Ela acha que deveria tê-lo matado, mas transfere a paixão do rapaz para o marido em coma e espera que ele, acordando, mude, a beije e a compreenda. Aninha-se ao peito do marido, mas, imediatamente, percebe que isso não pode ser feito, busca o Corão e pede auxílio a Alá.

Depois desse episódio, decide que não está louca nem possuída, pinta os lábios e os olhos, veste-se de vermelho, deita-se ao lado do marido e conta toda a saga da vida sexual deles. Que a mãe dele vigiara sua virgindade, que acreditava que ela era estéril, que a levava para um tratamento antiesterilidade, dizendo-lhe que seria a última chance de não perder o marido e que, tal tratamento, com o médico procurado, na verdade era uma farsa. Pensando em procurar um médico, a sogra a levava ao cafetão da tia prostituta que, se passando por médico, organizara encontros sexuais entre a mulher e homens desconhecidos, todos de olhos vendados e que, daí, vieram suas gravidezes.

Diz-lhe que é a primeira filha quem carrega seu segredo. Ela, esposa, não era estéril, como pensavam ele e a mãe, mas, sim, o homem. Que as filhas não eram dele, mas de toda uma armação orquestrada pela mãe, visando engravidá-la, para que ele não se sentisse impotente. Nessa empreitada, outros homens a engravidaram. A sogra confessa ter tido um sentimento de culpa.

No momento em que pronuncia a palavra “culpa”, o marido abre os olhos e agarra sua mão. Ela acredita que ele voltou à vida, todavia ele agarra seu pescoço, tentando estrangulá-la. Apesar de o coma anterior, ele é muito maior que ela e sua mão dá a volta completa no seu pescoço. Ele aperta e a sufoca. Ela consegue alcançar uma faca próxima e, então, o esfaqueia. Nesse momento, chega o jovem soldado e a vê, com o corpo ensanguentado do marido ao seu lado, a mão dele ainda no pescoço dela, mas ela viva, num semissorriso para o moço. Termina o filme.

Ponho-me a pensar: se o Eu necessita de um sigilo, um segredo, de uma área de alcance somente permitido a ele mesmo, essa mulher tinha tido essa chance. Em sua infância, seu pai criava codornas e as alisava de forma quase masturbatória, para transformá-las em galinhas de rinha. Chegava a colocá-las entre as pernas, dentro das calças, para protegê-las do frio! Imaginemos quantas fantasias sobre homens e seus membros, sua agressividade, a nossa heroína teve.

Em compensação, esse pai batia nas filhas, não lhes tratava com delicadeza nem apreço. A mãe só aparece no momento da venda da irmã mais velha a um homem muito mais velho que ela, para pagar dívidas de jogo. Aparece apenas servindo chá a esse homem!

Também é notório o fato de que a protagonista dá a codorna campeã do pai ao gato para que a devore. Assim, ela consegue não ser usada como moeda para pagamento de dívidas do pai, mas ganhou do gato uma cicatriz no rosto, marca feminina da castração! Isso também o fez em segredo. Só ela sabia! Talvez

por ter tolerado tantos segredos essa mulher tenha suportado a vida que lhe foi possível.

Seu marido está em coma porque ofenderam a honra da mãe dele. A mesma mãe que o ensinou a não valorizar sua esposa. É a partir do coma do marido que, numa chance de poder ser ouvida, ela consegue libertar-se da opressão que sentia por ser mulher. Falando ao marido, colocado pelo coma em uma impossibilidade de impedi-la, a mulher vai se apropriando novamente de sua feminilidade e da naturalidade de seus desejos e práticas sexuais.

A fala da mulher cresce, mostrando a busca pela verdade a partilhar com o marido, numa tentativa de declaração de amor a ele, em que os segredos pudessem ser ditos, para enfim aproximarem-se, mas a cultura não permite. Ao ouvir a dor de alguém, a Pedra de Paciência se fragmenta em várias partes, porque os segredos são antissociais!

Assim, seu analista-marido em coma ouviu todos os segredos que diziam respeito à sexualidade da esposa e... estourou! Afinal, a relação era impregnada de sexualidade e investida de ideais culturais para poder ser analítica.

Resta-nos, ainda, a metáfora do encontro da verdade pela mulher, que desabrocha. Ao matá-lo e sorrir para o jovem soldado, nossa heroína começa uma nova vida.

Impressionante é a imagem do marido no vão na parede! Ele está ali, em coma, com seu soro doméstico gotejando em sua boca, enorme e másculo, mas em coma. Uma cortina o tampa e tudo se passa com ele ali, aderido à parede, sem que ninguém o descubra!

Penso na metáfora do segredo do analista, que se torna parte do cenário, sem se imiscuir nas lembranças e associações dos pacientes. Não me agrada muito a ideia de me comparar a alguém em coma, na minha função analítica, mas poderíamos utilizar a imagem para pensar um analista não interveniente, que só existe para o analisando quando este está em sua presença e começa a associar.

Ele também é um segredo. Um segredo que está à vista de todos, porém, pelo óbvio da situação, pela estúpida guerra ao redor, NINGUÉM dele suspeita! Então podemos pensar na cena analítica, independente de qualquer tipo de cenário que a rodeie, existindo apenas no imaginário do paciente.

O filme nos dá a oportunidade de pensarmos que guardar segredos origina a possibilidade de criar um eu, suficientemente forte, no sentido de se saber existente. Casada com um homem tão mais velho, em uma cultura impeditiva de a mulher ser tocada, vista, valorizada, a jovem heroína encontra capacidade para criar as filhas, ser esposa, cuidar da casa e, na emergência da

guerra, sobreviver e até se desdobrar para fazer o soro, comprá-lo a crédito, correr para o abrigo antiaéreo, levar as filhas para a casa da tia, entre outras coisas!

Enfim, o coma do marido lhe trouxe a possibilidade de criar um mundo à parte daquele que buscava dessubjetivá-la. Um mundo interno, rico em experiências e memórias, que lhe garantiu a sobrevivência e até um tipo de fidelidade ao marido. A mais importante no nosso parecer: aquela que não abandona o outro! Pois, como nos diz Winnicott (1990): “querer” é um sentimento do ego; “amar” é característica do id.

Também podemos pensar no ódio que o marido lhe gerou e no desejo de matá-lo, quando retira a mangueira de sua boca, no auge das suas declarações a ele. Ódio transferencial, desejo de não revelação, desejo de submissão total à cultura, sem críticas ou diferenciação. Fanatismo. Desejo de manutenção do sintoma!

Enfim, o filme nos dá margem para inúmeras outras interpretações que não caberiam aqui. Contudo, é uma bela metáfora da cena analítica e dos progressos em análise.



Aulagnier, P. (1990). O direito ao segredo: condição para poder pensar. In *Um intérprete em busca de sentido*. São Paulo: Escuta Ltda.
 Rahimi, A. (2012). *A pedra de paciência*. G. Farahani, A. Rahimi, J. C. Carrière. França/ Alemanha/ Afeganistão.
 Winnicott, D. (1990). *O ambiente e os processos de maturação. Estudos sobre a terrosa do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.

REFERÊNCIAS

Pedra de segredo A autora se propõe, utilizando-se do filme *A pedra de paciência*, a um breve estudo sobre o segredo e sua magnitude psíquica. | *The secret of the stone* The author proposes, by analyzing the movie *Stone of Paciente*, a brief study on secret and its magnitude in psychic world.

RESUMO | SUMMARY

Psíquico. Segredo. Eu. | *Psychic. Secret. Ego*.

PALAVRAS-CHAVE | KEYWORDS

ELIANE DE ANDRADE

Av. Brasil, 84/1205
 30140-001 – Belo Horizonte – MG
 tel.: 31 3241-5534
 aelianede@gmail.com

RECEBIDO 17.06.2015
 ACEITO 29.06.2015